

Spread zero para nossa dívida? Veja como os bancos reagiram.

Nos EUA, as taxas de risco já estão mais altas.

A reação ao anúncio de que o Brasil vai pretender uma taxa de risco zero para todo o estoque do principal da dívida de US\$ 56 bilhões, nas próximas negociações com os bancos credores, foi prática e objetiva: o **spread** (taxa de risco) aumentou em 1/4% para as operações comerciais com os bancos brasileiros em Nova York. "E mais", acrescentou uma fonte diretamente atingida pelo aumento — que foi registrado quando **O Estado de S. Paulo** revelou que o ministro Bresser Pereira não quer pagar **spread** — "os prazos também foram diminuídos. Meus negócios de 90 dias foram todos puxados para 30 dias".

Para esta fonte, que pediu para não ser identificada, é fácil prever como reagirão os banqueiros norte-americanos quando o ministro Bresser apresentar formalmente seu pedido de pagar só a **Libor**, que é a taxa de oferta interbancária de Londres: "Ficarão furiosos". Conforme a sua avaliação "vai ser uma guerra de vida ou morte", ainda mais se ao

spread zero for somada a salvaguarda contra a variação das taxas de juros, preços de petróleo e queda dos preços dos produtos exportados pelo Brasil. A meu ver, uma concessão extremamente difícil. Os bancos não a farão..."

Uma outra fonte lembra o caso da Argentina, reforçando a previsão de que o ministro Bresser está comprando "uma grande briga", ao querer pagar só a **Libor**: "Ela está batalhando há muito tempo para fechar o seu pacote, e olha que nele não há salvaguardas, e que o **spread** é cobrado. Está na base de 0,7%. Como o Brasil, que está numa situação pior, com a moratória que proclamou em fevereiro, poderia obter maiores vantagens?"

Novas expectativas

O ministro Bresser Pereira não será recebido com tapete vermelho, na semana que vem, quando visitar Washington pela primeira vez depois que assumiu, trazendo seu plano que já enfrenta, na prática, este primeiro obstáculo — o **spread** zero. "A seu favor", comentou

um porta-voz de um banco de Nova York, "ele tem um plano, como também o ex-ministro, Dilson Funaro. O funaro conseguiu ser tão antipático e causar uma tão grande confusão, que para muitos Bresser é o messias chegando. Agora, o Plano... parece sério. Diz coisas claras para nós, como colocar o déficit público em 3,5% do PIB. O anterior que nos foi apresentado, um livrinho amarelo, foi uma brincadeira de mau gosto". (Este livrinho amarelo, que também foi apelidado de "O Livro de Ouro do Brasil", foi distribuído pelo ex-ministro Dilson Funaro, em Washington, depois da moratória, durante uma reunião do FMI.)

Os funcionários dos Departamentos de Estado e do Tesouro ainda não comentam o plano macroeconômico do ministro Bresser Pereira. Dizem que terão que examiná-lo melhor, e na verdade não o conhecem ainda, oficialmente. Um elogio à inclusão de conversões em investimento dentro do plano, lembrando que este é "o menu" que tem sido pedido ulti-

mamente, com insistência. Um observador acadêmico do Brasil, consultado ontem, disse que "o plano parece bom", mas perguntou: "O presidente Sarney terá força política necessária para executá-lo?"

O corte dos gastos públicos é um dos itens "cruciais", segundo um analista financeiro, em Nova York, que ainda acrescentou: "Mas já vimos este filme uma vez, ou mai de uma vez. Cortar gastos é muito complicado, e muito mais no Brasil". Quando consultado sobre se o ministro Bresser será bem recebido pela comunidade internacional, ele lembrou que o clima não é bom, agora que os bancos estão anunciando os prejuízos do novo trimestre, por causa das reservas que tiveram que criar e que os tornaram negociadores mais duros, "mas todos temos que renovar as esperanças no Brasil, quando examinamos seu último superávit. O ministro terá nossas boas vindas", concluiu.

**Moisés Rabinovici
de Nova York**